

Resenha

GIMENES, Éder Rodrigo. **Eleitores e partidos políticos na América Latina**. Curitiba: Appris, 2017. 209 p.

Jéssica Matheus de Souza¹

A obra de Gimenes (2017) suscita questões relevantes acerca do funcionamento e de perspectivas referentes à democracia na América Latina, como o lugar dos partidos políticos na organização da vida democrática e a possibilidade de se pensar em democracia sem partidos. Consta de uma importante investigação que traz, ao cenário latino-americano, discussões teóricas levantadas pela literatura internacional na área de Ciência Política. O autor coloca duas hipóteses: a identificação partidária possui determinantes individuais e estruturais entre o eleitorado na região, e os efeitos do antipartidarismo não significam necessariamente um distanciamento desses indivíduos em relação à política, por causa da adesão manifestada à democracia.

Na obra, primeiramente é evidenciada uma revisão bibliográfica citando os avanços recentes acerca do assunto abordado, oferecendo base teórica para a compreensão das contribuições do autor. Discute-se a relação dos cidadãos de democracias consolidadas com essa forma de governo, marcada nos últimos anos pela redução do engajamento convencional e pelo aumento do ativismo contestatório.

Conforme diagnóstico recorrente, há afastamento do eleitorado com relação aos partidos, discussão centrada nos efeitos de um desalinhamento

¹ Mestre em Sociologia Política pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro.
E-mail: jessicamatheus@outlook.com



Direito autoral e licença de uso: Este artigo está licenciado sob uma Licença Creative Commons. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra, forneça um link para a licença, e indicar se foram feitas alterações.

dos regimes democráticos. Porém, ainda são escassos e pouco conclusivos os estudos em democracias em processo de consolidação, como boa parte dos países da América Latina. Dessa forma, o autor critica a aplicação de modelos teóricos desenvolvidos com base em democracias consolidadas, como Estados Unidos e países da Europa Ocidental, ao contexto dos países que são novos ao regime. No Capítulo 3, são colocados os rendimentos empíricos a respeito da identificação partidária e seus determinantes. Está presente uma análise descritiva da variação da simpatia partidária na região, a qual constata que o percentual de eleitores simpático a algum partido sofreu queda na maioria dos países. Todavia, o autor argumenta que o cenário, em termos gerais, é de volatilidade, uma vez que os percentuais oscilaram nos dois sentidos na maioria das unidades nacionais entre 2006 e 2014.

Utilizando dados do Latin American Public Opinion Project (LAPOP) no ano de 2014, Gimenes reúne aspectos testados no contexto de democracias consolidadas e na América Latina, buscando estudar os determinantes individuais da simpatia partidária na região. O autor promoveu a identificação das variáveis que poderiam ser capazes de responder à questão. Dentre os atributos atitudinais e econômicos analisados, apenas a faixa etária e a escolarização se mostraram preditoras da identificação partidária entre eleitores latino-americanos. Com a relação positiva entre partidarismo e faixa etária, é confirmada a expectativa teórica segundo a qual cidadãos se aproximam dos partidos políticos ao longo de seus ciclos de vida, conforme assumem papéis sociais relacionados ao mercado de trabalho e à educação superior, por exemplo.

A escolarização, por outro lado, interferiu de forma que os indivíduos com ensino superior têm menos chance de se filiar a partidos políticos. Já nas variáveis analisadas relacionadas à política, todas se mostraram positivamente significativas, como o interesse por política, visto que, a cada elevação na escala de 0 a 3, aumenta em 137,4% a chance de simpatia partidária por algum partido.

Outro indicador explicativo do estabelecimento de laços partidários abordado na obra é a “decantação” de uma democracia. Essa ideia é relacionada à persistência do regime democrático ao longo do tempo, que

tem como efeito o desenvolvimento de experiência política pelo eleitorado, principalmente em razão dos processos eleitorais periódicos que colocam a possibilidade de exercício do voto. Dessa forma, a expectativa do autor era que idade da democracia influenciasse na identificação partidária, e de fato ela se revelou relevante à manifestação do partidarismo.

Um dos achados é que Guiana e Costa Rica ocupam os pontos extremos dos períodos de permanência em regime democrático, com 21 e 65 anos, respectivamente, e os cidadãos costarriquenhos têm 184,8% mais chances de apresentar simpatia por algum partido que os guianeses. Com isso, Gimenes defende a não possibilidade de tratar de um desalinhamento entre países latino-americanos, uma vez que o passar dos anos tem influência positiva sobre as taxas de partidarismo, e muitos dos países se tornaram democracias recentemente. O autor dedica o quarto capítulo a elaborar uma proposta de classificação das relações entre eleitorado e partidos. Dessa forma, parte do modelo de classificação dos sistemas partidários de Carreras, Morgenstein e Su (2013), e estabelece quatro categorias que distinguem relações entre eleitores e partidos, com base em aspectos que se relacionam ao sistema político, eleitoral e partidário, a condições históricas e de desenvolvimento político dos países, e à medida de simpatia partidária desagregada. Com isso, as 22 unidades nacionais analisadas podem estar em situação de alinhamento, alinhamento parcial, não alinhamento parcial ou não alinhamento. Os países alinhados apresentam ao menos dois partidos enraizados junto aos eleitores ou que tenham crescentes taxas de identificação partidária ao longo dos anos. Na categoria alinhamento parcial, estão os países nos quais existe um partido estável ou crescente quanto à identificação partidária e outros que gozam de simpatia volátil, além de unidades nacionais que não apresentam partidos enraizados, mas há crescimento das legendas. Estão classificados como sistemas partidários não alinhados parcialmente os países onde a simpatia partidária decresceu na última década, mas foram afetados todos os partidos igualmente. À última categoria pertencem os países nos quais não é verificado indício de enraizamento dos partidos políticos junto à população, motivado por uma redução crescente da simpatia partidária com as principais legendas ou simpatia alternada a alguns partidos que é, porém, baixa e muito volátil.

Com o resultado, Gimenes considera a afirmação segundo a qual os partidos políticos na América Latina estão “em crise” como equivocada e generalista; afinal, ao mesmo tempo em que em alguns países eleitores e partidos têm se distanciado, em metade deles se denota a relevância de verificação de vínculos fortes e crescentes, onde as legendas têm se enraizado.

Para compreensão do tema, Gimenes parte do trabalho de Inglehart (1977) no que concerne o fenômeno do pós-materialismo, que surge em sociedades industriais avançadas diante do amplo processo de modernização econômica, política e social. Nesse quadro, os indivíduos das democracias reduzem sua preocupação com necessidades materiais e passam a pautar suas ações tendo em vista a satisfação de valores de autoexpressão. Com essa mudança, notam-se níveis mais elevados de mobilização cognitiva dos cidadãos, a redução da importância atribuída aos partidos políticos e também das taxas de identificação partidária.

O autor dialoga com Dalton (2013), que discute o crescente número de americanos independentes de partidarismo e os fatores que contribuem para esse aumento, distinguindo quatro categorias de eleitores nos Estados Unidos. Esses perfis são utilizados por Gimenes para estudar o caso na América Latina, testando a capacidade explicativa desse modelo como um indicador de adesão à democracia. O autor apresenta a composição longitudinal desses perfis para a região como um todo, assim como as variações dos percentuais de cada categoria de eleitor. Os perfis se classificam como apartidários, partidários cognitivos, independentes apolíticos e partidários rituais; correspondendo ao relacionamento da variável mobilização cognitiva (que se compõe de nível de escolaridade e interesse por política) e da simpatia partidária.

Assim, a discussão sobre o fortalecimento dos regimes democráticos na região se dá à luz de teses do apartidarismo. A fração dos eleitores que não mostra simpatia partidária se divide em apartidários cognitivos, ou seja, os eleitores com maior mobilização cognitiva, e independentes apolíticos, grupo que se caracteriza por menor mobilização cognitiva. Da parcela que mostra preferência por uma legenda, essa se divide em partidários cognitivos e partidários rituais, e os últimos são a parcela com baixa mobilidade cognitiva.

Em questão de simpatia partidária, o estudo verificou em todos os países analisados a existência de volatilidade na identificação dos eleitores nacionais com os partidos políticos. Porém, considerados os dados do conjunto de países, não existe oscilação na identificação partidária a ponto de superar a margem de erro, o que torna impossível afirmar a volatilidade da simpatia partidária na região como um todo. Assim, esse resultado defende a afirmação que não há de crise de partidarismo na América Latina; por outro lado, chama atenção para necessidade de estudos com foco nas unidades nacionais.

Já quanto à análise dos tipos de perfis, o apartidário cognitivo – grupo que corresponde a cerca de 10% dos eleitores latino-americanos – pode ser considerado o perfil de eleitor mais próximo às exigências normativas da democracia. Devido a correlatos atitudinais e comportamentais, entre esse grupo há sinais de maior carga de informação, sentimento de eficácia política, adesão ao regime democrático e participação, tanto em termos eleitorais quanto contestatoriamente. Além disso, a existência do partidarismo, quando dissociada de refinamento cognitivo, produz pouco efeito sobre o fortalecimento da democracia.

A prevalência dos independentes apolíticos no eleitorado regional é destacada como aspecto negativo, uma vez que são menos afeitos ao jogo democrático e frequentemente se encontram alienados de aspectos pertinentes à vida democrática. No entanto, foi verificada a redução dessa fração do eleitorado, que passou de 59,5% para 54,9% de 2008 a 2014, o que pode ser considerado um indício positivo ao fortalecimento da democracia na região. O autor defende uma tendência do eleitorado com alta sofisticação política a crescer; e, caso essa tendência permaneça e ultrapasse a margem de erro do LAPOP, esse evento pode trazer consequências benéficas à democracia. Isso porque o aumento desses eleitores capazes de decodificar a política tende a produzir melhorias no desempenho dos partidos quanto ao eleitorado e governo, contribuindo com a legitimidade dos regimes. Dessa forma, avalia-se como positivo o resultado do período 2008 a 2014 para a região.

Gimenes não se propôs, nesta obra, a sanar as questões acerca do comportamento político na América Latina, mas sim fazer expressivas contribuições à discussão. O autor cumpre sua proposta, apontando para a

necessidade de aprofundar a análise dos contextos nacionais, tendo em vista que parte dos países analisados no livro contam com pouca produção da área de Ciência Política.

A obra significa uma importante contribuição à pesquisa na temática do comportamento político, uma vez que problematiza a tese do desalinhamento partidário para a América Latina em diversas dimensões. Além da ampla revisão teórica, o autor utiliza uma gama de instrumentos para análise de dados, culminando na discussão dos resultados tanto no conjunto da América Latina quanto aspectos particulares da dinâmica do partidarismo para cada país analisado. Estão presentes na discussão temas que ganharam novas interpretações e que são de suma importância dentro da temática do comportamento eleitoral, como a participação política, que abrange novas formas e sentidos, e a adesão democrática. Por fim, a obra de Gimenes instiga a reflexão sobre o lugar dos partidos políticos na vida democrática.

Referências

CARRERAS, M.; MORGENSTERN, S.; SU, Y.-P. Refining the theory of partisan alignments: Evidence from Latin America. **Party Politics**, v. 21, n. 5, p. 671-685, jul. 2013. DALTON, R. J. **The apartisan American: dealignment and changing electoral politics**. Thousand Oaks, Calif: CQ Press, 2013.

INGLEHART, R. **The Silent Revolution**. Princeton: Princeton University Press, 1977.

GIMENES, E. R. **Eleitores e partidos políticos na América Latina**. Curitiba: Appris, 2017.

Recebido: 31/08/2018
Aceito: 25/01/2019